

CINEMATECA PORTUGUESA—MUSEU DO CINEMA

DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA - CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL

24 de outubro de 2023

THE RIVER / 1938

um filme de Pare Lorentz

Realização e Argumento: Pare Lorentz / **Fotografia:** Floyd Crosby, Willard Van Dyke, Stacy Woodard / **Montagem:** Lloyd Nosler, Leo Zochling / **Música:** Virgil Thomson / **Som:** Al Dillinger / **Narrador:** Thomas Chalmers.

Produção: The Farm Security Administration / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada electronicamente em português, 31 minutos / **Estreia Mundial:** New York, em 4 de Fevereiro de 1938 / **Inédito comercialmente em Portugal (Exibido na RTP2 em 2003).**

The River é apresentado com **Wild River**, de Elia Kazan ("folha" distribuída em separado).

Sessão apresentada por Tanya Goldman

A obra cinematográfica de Pare Lorentz limita-se a três filmes (mais um que escreveu mas não dirigiu). Mas foram talvez os mais influentes e decisivos documentários (e socialmente empenhados, também) que os Estados Unidos até então tinham produzido, e que irão marcar o futuro do género. Do primeiro, feito em 1936, **The Plow That Broke the Plains**, vieram Paul Strand e Leo Hurwitz, outros mestres "fundadores" do documentarismo americano, de **The River**, veio Willard Van Dyke, que em 1939 iniciaria uma prolífica e notável carreira no género com o clássico **The City** (que é, também, o "quarto" filme de Lorentz que atrás referi, pois foi ele quem o concebeu e escreveu). Em 1940 Lorentz faria ainda outro documentário seminal, **The Fight For Life**, sobre a maternidade nas camadas mais pobres da sociedade.

O cinema de Pare Lorentz é um cinema totalmente identificado com a doutrina de Roosevelt para a reconstrução da América: o "New Deal". Lorentz, que fora jornalista e crítico de cinema, ligado ao New York Kino (depois Frontier Films, onde pontificou muito da esquerda no cinema) foi nomeado, nos anos 30 como conselheiro de cinema para o US Resettlement Administration de Roosevelt. **The Plow That Broke the Plains**, o primeiro filme que fez analisa as causas da desertificação e da miséria dos camponeses do Oklahoma, as origens do "Dust Bowl" que provocou a emigração em massa dos camponeses arruinados, rumo à "terra prometida", a Califórnia (que Ford retratará em **The Grapes of Wrath**). **The River**, que é, talvez, a sua obra-prima, por onde passam sombras e reflexos de Mark Twain e William Faulkner, tem por pano de fundo o "Old River", o velho e indomável Mississipi. Numa primeira parte, **The River** mostra-nos como a cultura desenfreada do algodão e outras espécies no Grande Vale foi desertificando a região, destruindo as terras de cultura

tornando-as estéreis levando à miséria e ao êxodo as populações. Numa segunda parte (que parece “descrita” por Faulkner na sua célebre novela “O Velho e o Rio”) testemunhamos dos efeitos das inundações. A terceira parte diz respeito aos actos que a administração Roosevelt levou a cabo para resolver a situação, sendo a principal realizada pela Tennessee Valley Authority, com a série de barragens para o controle do mais turbulento afluente do Mississipi (o cinéfilo deve lembrar-se que é neste tempo, e nesta luta, que decorre a acção da obra-prima de Elia Kazan, **Wild River/Quando o Rio se Enfurece**). Do controle e das barragens resulta a energia, “power” (como diz o comentário no final: “Power for the farmers of the Valley... Power enough to make the river work!”).

Mas não é apenas a energia e o entusiasmo que o filme mostra que faz dele um dos maiores documentários jamais filmados. É também a sua construção narrativa. Tomem atenção ao comentário escrito por Pare Lorentz em forma de poema de versos livres, jogando com a força sonora das repetições (na sequência das inundações, elas tomam a forma de apelos radiofónicos), dos nomes das cidades e regiões (a lenta descrição do percurso do rio e dos seus afluentes, e das cidades, tem o ritmo de uma velha melodia e de uma lenga-lenga: “New Orleans to Baton Rouge/Baton Rouge to Natchez/Natchez to Vicksburg/Vicksburg to Memphis/Memphis to Cairo...”).

Manuel Cintra Ferreira